



Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Vinícius de Andrade - 24777294

Ciência e religião: Apontamentos de perspectivas de diálogo e complementariedade – Teologia e Fenômeno Humano

2º Sem – 2024

Ciência e religião: Diálogo e complementariedade

A relação entre ciência e religião é complexa e historicamente marcada por conflitos, mas diversos pensadores apontam que o diálogo entre ambas é não apenas possível, mas desejável. A ciência, fundamentada na experimentação e verificação, e a religião, baseada em revelações e experiências pessoais, oferecem perspectivas distintas sobre a realidade. Contudo, elas podem convergir na busca por respostas sobre questões existenciais e metafísicas.

A diferença de objeto e métodos

O objeto se refere ao tema ou conteúdo de estudo de uma área. É aquilo que se busca compreender ou investigar. Por exemplo, na ciência, o objeto pode ser a composição química de uma substância, a evolução das espécies ou as leis da física, já na religião, o objeto frequentemente envolve questões transcendentais, como o sentido da vida, a existência de Deus ou a moralidade.

O método é o caminho ou processo utilizado para estudar o objeto. Trata-se das ferramentas e técnicas empregadas para alcançar o conhecimento. Exemplo: O método é o caminho ou processo utilizado para estudar o objeto. Trata-se das ferramentas e técnicas empregadas para alcançar o conhecimento. Na religião, o método pode envolver práticas espirituais, interpretação de textos sagrados, meditação, oração e vivências subjetivas.

A distinção é fundamental porque ciência e religião não apenas estudam objetos diferentes, mas também utilizam métodos distintos. A ciência buscando compreender o mundo natural e físico, usando métodos experienciado e verificáveis, e a religião foca em questões espirituais, morais e transcendentais, tendo como base métodos como, reflexão filosófica, revelação divina ou experiências pessoais.

Essa diferença é o que leva muitos pensadores a afirmar que ciência e religião podem coexistir, pois operam em "esferas" distintas, mesmo quando se encontram em debates mais amplos sobre a realidade.

Como destaca Bertrand Russell, ciência e religião lidam com tipos de verdade diferentes: a ciência se baseia em dados empíricos e verificáveis, enquanto a religião se apoia na tradição e na revelação. Essa distinção de métodos, porém, não exclui a possibilidade de diálogo, mas, pelo contrário, enfatiza a importância de uma relação

respeitosa entre ambas as áreas. Como Urbano Zilles afirma, “o mundo da vida é mais amplo e mais rico que o mundo da ciência” (ZILLES, 2011, p. 41).

O papel da filosofia na mediação

Russell também ressalta que a filosofia atua como ponte entre ciência e religião, permitindo a reflexão sobre questões de causa, finalidade, razão e sentido. Isso é reforçado por Polkinghorne, que sugere que essas questões fronteiriças surgem quando a ciência atinge limites ou se depara com o mistério do desconhecido.

Independência e complementariedade

Ian Barbour e Hans Küng defendem que ciência e religião devem manter sua independência, mas podem se complementar ao abordarem a realidade de diferentes formas. Küng, por exemplo, sugere uma integração crítico-construtiva, onde ambas se questionam mutuamente para enriquecer sua compreensão da verdade. Como Barbour coloca, a busca pela verdade requer respeito mútuo e diálogo contínuo.

Exemplos de convergência

Pensadores como Albert Einstein e Niels Bohr reconhecem o valor da complementariedade. Einstein afirma que “a ciência sem religião está manca, e a religião sem ciência está cega” (EINSTEIN, 2017, p. 13), sugerindo que a ciência pode se beneficiar do espírito ético e intuitivo da religião, enquanto a religião pode acolher as descobertas científicas para reinterpretar suas crenças.

Bohr, por sua vez, explora a semelhança entre o objetivo da ciência e da religião em compreender a origem das coisas. Ele argumenta que onde uma alcança seu limite, a outra pode oferecer perspectivas enriquecedoras.

Conclusões e caminho futuro

Autores como Karl Popper e Stephen Jay Gould defendem que a ciência não pode fornecer todas as respostas sobre a existência humana, destacando a importância de abordar questões transcendentais que escapam ao método científico. Zilles reforça que o sentido maior da vida, dor e angústia são temas que a ciência e a religião devem tratar em conjunto para promover uma compreensão mais ampla e profunda.

O diálogo entre ciência e religião, portanto, exige respeito mútuo, humildade intelectual e abertura para a complementariedade. Enquanto a ciência oferece clareza sobre os aspectos tangíveis do universo, a religião aborda questões de sentido, ética e propósito, formando uma parceria enriquecedora para a busca da verdade.